

Ruy
Calçada
Bastos

Fundação D. Luís I
Galeria do Centro Cultural Gandarinha

Ruy Calçada Bastos



FUNDAÇÃO D. LUÍS I

Galeria do Centro Cultural Gandarinha
Cascais

8 a 27 de Junho de 1999

Ruy Calçada Bastos residiu alternadamente em Cascais, no Algarve e no estrangeiro durante os últimos quinze anos da sua vida, tendo manifestado empenho em realizar no Centro Cultural Gandarinha uma exposição da sua obra. A morte surpreendeu-o quando, no final do ano passado, a preparação da exposição já estava em curso, na sequência da aprovação da proposta pelo Conselho de Administração da Fundação D. Luís I. Fiel ao compromisso tomado com o artista, e em concordância com a vontade dos seus familiares e herdeiros, a Fundação D. Luís I honra-se de apresentar um conjunto significativo da sua obra, que espelha cerca de 40 anos de produção.

Remonta a Setembro de 1958 um texto de José Blanc de Portugal, de que reproduzimos parte, o qual define exuberantemente as linhas de força que viriam a ser dominantes na pintura de Ruy Calçada Bastos:

«Isto vem muito a propósito da exposição de Ruy Calçada Bastos à qual, apenas por venerável tradição, aponho estas palavras para fazer pensar quem disso seja capaz e não para explicar a pintura do expositor. Não julgo impossível explicar pintura mas acho que cada um tem de achar a sua explicação. A explicação de mestre seria pelo método socrático. Mas esse mesmo pressupõe a influência do mestre que eu não quero nem posso ser nestas humildes linhas de respeito e consideração pela arte de Ruy Calçada Bastos.

Se estas linhas não forem o cartucho, o fulminante, o detonador, o gatilho ou não sei que peça ou acessório que consiga deflagrar a carga explosiva de conhecimento e prazer estético contida nos quadros de Calçada Bastos, a sua inutilidade é patente. Mas quem dispara é o espectador. O conhecimento é um acto de vontade - pelo menos para os que crêem na liberdade da pessoa humana.

Uma última nota: Falar-se-á - porque o Pintor assim o quer e tem portanto toda a razão para assim o querer - de pintura musical. Esta nota é uma advertência de facto. A pintura musical de Ruy Calçada Bastos não se filia teórica ou visualmente em qualquer escola anteriormente conhecida e de designação análoga. Pelo menos directamente.

É sabido como após ou ao lado do construtivismo, do neo-construtivismo, ou do supematismo veio a aparecer a escola mal conhecida entre nós dos pintores musicais ou musicalistas que, a crer em Robert Vrinat (*L'Art Abstrait. Seconde Naissance*, em *Premier Bilan de l'Art Actuel, 1937-1953, Le Soleil Noir*, n.º 3 & 4, Paris 1953), sobreviveram. Mas quem conhece na nossa terra Del Marle, Domela, Kupka, Valensi, Moholy-Nagy ou Servanchx? Hartung, Schneider, os irmãos Van Velde, Lanskoy, Bissière, Bazaine, Manessier, Estève, Poliakoff? Há quem proteste? Quem me diga que sim senhor, que conhece perfeitamente estes pintores e as suas obras? Tanto melhor pois que sabem muito mais do que eu e portanto nada tenho que lhes explicar. Para os tão ignorantes como eu quero com eles lembrar que não há teorias erradas nem revoluções no sentido corrente dos termos. O que há é produtos errados ou inúteis verdadeira ou falsamente fundamentados em teorias que podem ser inúteis ou até prejudiciais, em revoluções que se limitam a substituir uns postulados por outros.

A verdade está com o grande Kandinsky - um revolucionário, não é? - que afirmava não ter querido destruir mas enriquecer a arte. Paul Valéry escrevia (antes da última grande catástrofe europeia: **Revue Musicale**, Junho de 1938) que «dia a dia o dogma da desigualdade das famílias humanas se torna cada vez mais perigoso em política: será fatal à Europa. A técnica propaga-se como a peste». Querer dividir em arte é tarefa infernal contra a sua intrínseca **catolicidade**, contra o seu universalismo. Não me tenta a gloriola de rotular a pintura de Ruy Calçada Bastos aqui exposta nem acho oportuno historiar nestas palavras a sua evolução que, tenho a certeza, não faz agora senão dar mais um passo. O que se vê, para quem sabe ver pintura, é desde logo uma grande mestria técnica e um poder de imaginação controlada raríssimo entre nós. Se há aqui e além um luxo de texturas o sentido geral é de uma economia de meios. O ascetismo penetra-se de um misticismo muito típico, ao que me parece, na arte actual de Ruy Calçada Bastos. O seu musicalismo vai do pungente ao êxtase da luz e da cor. É essencialmente poético sem o acessório da pura representação. Mas eu não quero convencer ninguém do que quer que seja.

Deixem-nos ver a pintura!»

A Fundação D.Luís I